

O CAMINHO DOS ESSÊNIOS
Volume 2

Anne e Daniel Meurois — Givaudan

O CAMINHO DOS ESSÊNIOS

Volume 2

As revelações da terra de Kal

Título do original:

De mémoire d'Essenien — l'autre visage de Jésus
Copyright © 1984 Éditions - Arista, France,
© 2000 Éditions Le Perséa, Québec — Canada.

O Caminho dos Essênios — Volume 2

As revelações da Terra de Kal
Anne e Daniel Meurois — Givaudan

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Caixa Postal 404 — CEP 13480-970 — Limeira / SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem permissão, por escrito, do Editor.

Revisão: Florine Nazaré Pinto

Colaboraram nesta edição: Antonio Rolando Lopes Júnior e Paulo Gontijo de Almeida

Projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho

ISBN 85-7618-031-6 — 2ª EDIÇÃO — 2005

- Impresso no Brasil • Printed in Brazil
- Presita en Brazilo

Produzido no Departamento Gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — CEP 13485-150
Fone/Fax: 19 3451-5440 — Limeira — SP
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meurois-Givaudan, Anne

O Caminho dos Essênios: as revelações da Terra de Kal / Anne e Daniel Meurois-Givaudan. — 2ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2005.

Título original: Chemins de ce temps-là

Conteúdo: v. 1. A vida oculta de Jesus revelada — V. 2.

Revelações da Terra de Kal.

ISBN 85-7618-031-6

1. Espiritismo 2. Essênio 3. Jesus Cristo - Biografia - vida oculta
- I. Meurois-Givaudan, Daniel II. Título.

04-4364

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Essênios e a vida oculta de Jesus : Mensagens psíquicas: 133.93

Anne e Daniel Meurois — Givaudan

O CAMINHO DOS ESSÊNIOS

Volume 2

As revelações da Terra de Kal

Tradução
Julieta Leite

2ª Edição — 2005



A Hildrec, Belsat e Lérina, a todos os que, percorrendo de novo o mesmo caminho, deixaram de chamar-se essênios, porque “agora” é o que os sustenta.

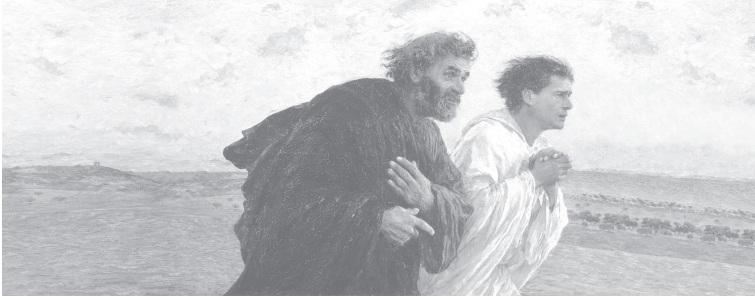
Este livro continua o relato de “O Caminho dos Essênios” (Capítulo II da terceira parte). Entre os vinte e dois discípulos do Cristo que chegaram às margens da Gália, a Terra de Kal, Simão e Míriam prepararam-se para propagar a Palavra do Mestre entre os povos celtas. Todos passam juntos a última noite antes de dispersar-se...

Sumário

9		Algumas palavras de orientação
		Parte I
12	1	Na magia de uma noite
24	2	Os homens de Benjamim
41	3	Pelos caminhos interiores
56	4	O povo de Kur
80	5	Nas prisões romanas
105	6	Os terapeutas da Terra
126	7	A montanha de Zaqueu
145	8	Ei A Wallach
162	9	Ao redor da taça
176	10	Espadas vermelhas sobre vestes brancas
194	11	Os jardins da esperança

Parte II

204	1	Andanças
219	2	A gruta dos óleos
235	3	História de Míriam
248	4	Uma retirada forçada
262	5	Flávio
277	6	Luzes sob a neve
295	7	A Lua em vez do Sol
310	8	O sol do Kristos
321	9	À sombra do lagar
333	10	A transmissão
346	11	Haverá outras gotas



Algumas palavras de orientação

CINCO ANOS APÓS A PUBLICAÇÃO DE “O CAMINHO DOS ESSÊNIOS”, muitas flores desabrocharam. Assim, é com emoção que lhe apresentamos, amigo leitor, o segundo volume de um trabalho oriundo de inúmeras “leituras” nos Anais de Akasha — grande Livro do Tempo a que temos acesso por meio da “desincorporação”.

Mais do que uma continuação do primeiro, ele é seu desenvolvimento. O aprofundamento que constitui levou-nos novamente a penetrar na Gália de alguns anos após a crucificação de Jesus, seguindo a trilha de José de Arimatéia e Maria Madalena.

As personalidades de Míriam e Simão não devem transformar-se, mais do que antes, no ponto central desta narrativa. Ontem, como hoje, são testemunhas de realidades desconhecidas — ou totalmente ignoradas — a quem é confiada a tarefa de manifestar-se por meio de palavras. Assim sendo, nada do que se segue foi romanceado ou deformado em qualquer aspecto. Trata-se, pois, de uma reportagem tão exata quanto possível, uma espécie de “diário de viagem” de dois seres que atravessaram a Gália do primeiro século. Os Anais de Akasha, que só pudemos folhear com o maior respeito, nos falam de um

tempo em que o conceito de espiritualidade não existia realmente, porque então o sagrado fazia parte do cotidiano. Acima de tudo, não se tratava, segundo a expressão consagrada, de “escurecer o papel”, mas de clareá-lo.

Semelhante tarefa pressupõe uma grande responsabilidade, de que continuamos convictos, com relação aos acontecimentos e aos seres evocados nas páginas que se seguem. O objetivo de uma obra como esta, deixamos bem claro, não é alimentar um pouco mais a nostalgia estéril de uma época tão bela e forte quanto rude para se viver. Ao contrário, seu propósito é atualizar um assunto que muitos de nossos contemporâneos, erradamente, consideram arcaico.

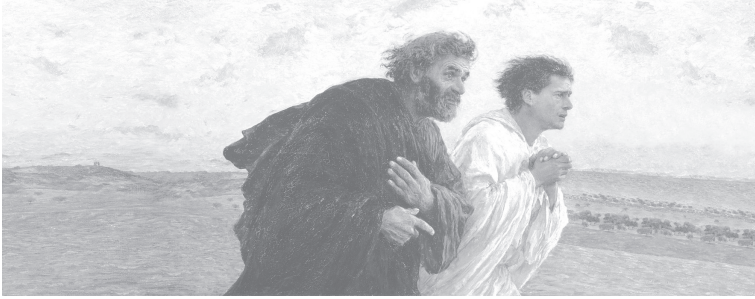
Após este mergulho de dois mil anos no “passado”, parecemos que o que chamamos de “os tempos evangélicos” não pertence à História antiga, conveniente apenas para a fabricação de imagens. Ao contrário, achamos que a energia que os anima e lhes imprime sua marca — queiramos ou não — está hoje, mais do que nunca, presente até em nossas células. Não falamos de acontecimentos marcantes ou aparentemente de segunda ordem citados neste livro e que possam ter influenciado a história de nossas civilizações. (Alguns deles, entretanto, serão de tal natureza que farão com que historiadores e teólogos fiquem irritados.) Falamos, sim, de energia, tanto no que concerne aos seres novamente presentes em nosso mundo como no que diz respeito a uma “atmosfera” portadora de um Sopro idêntico.

Portanto, os capítulos que nos aplicamos em transcrever não têm, voltamos a frisar, vocação “passadista”. Eles apresentam situações de ontem que, em vários aspectos, sobrevivem hoje e podem melhor orientar-nos e preparar-nos para a iminência de uma gigantesca tomada de consciência.

Em poucas palavras, sua única intenção é privilegiar e servir à prodigiosa energia de Amor que hoje nos estende sua mão com insistência.

Os essênios, nazaritas, nazarenos e chefes celtas que a seu modo mostraram-se os artesãos daquela época, como tal estão bem mortos, não duvidamos disso. Aliás, importa-nos muito pouco saber exatamente o que eles foram. Todos deveríamos estar fartos de querelas intelectuais e doutrinárias. Suas forças, suas almas, estão presentes hoje e através delas devemos reconciliar-nos com as faces múltiplas da Vida Una.

Se deste livro surgir, não apenas um leve despertar, mas também um pouco mais de ação e de vontade no Eterno Presente, não terá sido em vão.



Livro I

Capítulo I

Na magia de uma noite

NAQUELA MANHÃ, ENQUANTO TATEÁVAMOS ESQUADRINHANDO o fundo de nossa cabana para juntar nossos poucos pertences, o Sol mal avermelhava no horizonte. Pelo vão da porta daquela que tinha sido nossa primeira morada na Terra de Kal, viam-se claramente línguas de bruma brancas e longas desfiando-se entre os tufos de juncos. Pareciam mantos alvos estendendo-se languidamente na superfície da água. Ao seu úmido frescor vinha juntar-se ainda, de quando em quando, o odor da enorme fogueira que vários de nós tinham se esforçado por alimentar durante toda a noite. Quando Simão e eu nos perfilamos sobre a precária passarela de madeira que levava à terra firme, um leito de brasas, ardente como o rubi, continuava a viver... Algumas silhuetas humanas moviam-se ao redor, lentamente, com gestos meditativos. Eram as silhuetas de nossos companheiros. Provavelmente alguns deles quiseram passar o fim da noite lá, enrolados em seus mantos, para melhor manter a força que as recentes palavras de José¹ tinham tentado insuflar em nossos corações.

¹ José de Arimatéia.

Com o saco de tecido rústico e lã no ombro, caminhamos na sua direção com passos apressados, como para sacudir-nos do torpor de um sono muito leve e muito frio. As palavras trocadas tarde da noite ao redor das chamas, parecendo arremessar-se até os céus, ainda vibravam naquele legar.

Era preciso partir, assumir o risco de despedaçar a corrente mágica que nos unia a todos e provocava quase uma sensação de invulnerabilidade. Naquela noite, em meio ao crepitar da fogueira, uma voz nos havia dito, repetido, insistido. Era a voz de José, e, pela firmeza de sua entonação, por um momento, acreditamos reconhecer a linguagem do Mestre.

Hoje, portanto, devíamos nos espalhar, e a espera desse momento pesava-nos tanto que Simão e eu não desejávamos que demorasse muito. Iríamos na direção do poente sem tardar, tal como nos fora pedido na véspera. Simplesmente, antes de nos pormos a caminho, gostaríamos que, todos juntos, recebêsemos, uma última vez um sopro de silêncio e de paz.

Assim que nos aproximamos do pequeno grupo, descobrimos Míriam de Magdala no lugar onde a tínhamos deixado algumas horas antes. Apoiada no tronco de uma árvore, parecia não ter-se mexido, vasculhando com um bastão a espessura escarlate das últimas brasas. Ela sorriu docemente, inclinando de leve a cabeça. Sem dúvida, essa foi sua maneira de saudar nossa repentina pressa de querer partir.

Então, com um gesto decidido, mergulhou a mão num saco de tecido rústico que estava no chão atrás dela; tirou dele uma boa pitada de grãos resinosos, que jogou imediatamente nos restos do braseiro. Simão me puxou contra ele e nos sentamos lá perto. Do outro lado das brasas, um irmão, de quem só distinguíamos a silhueta, pôs-se a tocar flauta.

Era o som penetrante das flautas das colinas da Galiléia que cantavam a luz das amendoeiras e os campos de linho azuis. Como por reflexo, diante das palavras que ainda eco-

avam em minha alma, não admiti a nostalgia que aquilo me provocava e surpreendi-me repetindo duas ou três vezes em voz baixa: “não... não”.

O que permanecia vivo em mim, em nós dois, naquela manhã, era o rosto grave e forte de José quando tinha se levantado entre nós, no meio da noite, interrompendo o curso das discussões. Vejo-o novamente com seus olhos de sobrancelhas espessas, quase tão brancas como a neve, com sua barba imponente esvoaçando ao vento, à beira-mar. Embora fosse bem mais velho do que a maioria de nós, parecia manifestar em si mais ardor do que todo nosso grupo reunido.

— Ora vamos, meus amigos! — gritou ele, como para cercar o crescimento das interrogações que circulavam. — Acho que esta Terra de Kal agora espera alguma coisa de nós. Todas estas noites escutei meu coração e está claro que nosso tempo aqui já se cumpriu. Sem dúvida, já estais preparados para este momento e para estas palavras há algumas semanas... Desejaria que elas viessem de vós... mas está claro que o Mestre me confiou uma tarefa a que não posso me subtrair. Eis porque vos digo: É agora... é agora que devemos espalhar-nos pela superfície deste mundo. Os homens deste lugar nos acolheram; atualmente vivemos entre eles, quase como eles; a cada dia que passa sua língua torna-se um pouco mais nossa. Que podemos esperar além disso? Um sinal do Sem Nome? Eu vos digo que a serenidade de nossos dias, desde que chegamos nesta região, não nos torna surdos e cegos, não aferrolha as portas do depósito que está sob nossa responsabilidade. Ela é adequada para adquirir e depois manter a boa consciência dos que sabem, ou que dizem saber. Assim, amanhã eu mesmo partirei. Irei para onde Ele me envia... não como um conquistador, mas como o sacerdote que sou em meu coração... quero dizer, compreendi-me bem, como o testemunho de uma força...

José baixou os olhos por um momento e nós vimos que

estava tomado por uma extraordinária emoção, por uma perturbação que não estávamos acostumados a ver nele.

— ... o testemunho da Força de que todo homem é herdeiro — recomeçou ele, recompondo-se. — Não vos escondo que a tarefa que nos espera é difícil. Entretanto, sabeis que a dificuldade será sempre proporcional à clareza com que soubermos manter a visão do objetivo em nossos espíritos. Se o que desejamos continuar límpido, irmãos e irmãs, se esta vontade não se deixar suplantar por nossa vontade individual, então seremos fiéis às palavras do Mestre, não enraizaremos uma outra religião no coração dos homens e das mulheres de Kal... porque eu vos asseguro, tal como me foi dito, aí está a cilada!

Até agora, pude fornecer-vos bem poucas indicações a respeito do nosso trabalho. Enchestes-me de perguntas quando, depois do Mestre, vos pedi que me seguísseis para além dos mares. Não soube responder algumas e talvez tenha respondido mal as outras, então vós me seguistes sem procurar saber mais, mas procurando compreender melhor. Por isso, eu vos agradeço, mas também vos digo... escutai. Escutai o que agora, finalmente, consigo dizer-vos e que levei meses para pôr em ordem no meu espírito e na minha língua.

Nós temos de abrir os corações, temos de semear as consciências, temos por fim, de fazer desta terra que nos acolhe o trampolim para um mundo cuja finalidade nossos irmãos de Heliópolis conhecem. Esse mundo, sabeis, será também um mundo que atenderá os homens de carne...

Neste exato momento, lembro-me de que nos entreolhamos. José tornara-se enigmático; em vez de clarear nossos espíritos, ele os perturbava.

— Lembrai-vos — continuou ele, voltando os olhos para o peito —, lembrai-vos do objeto que, por alguns instantes, pus diante de vossos olhos quando vogávamos juntos rumo a estas praias. Pois bem, irmãos, eu vos digo, não é um objeto...

É simplesmente a sombra trazida por uma luz capaz de alimentar muitos corações. É uma sombra do Sol, uma sombra que é minha missão fazer com que caminhe até um ponto preciso. Não vos admireis com esta linguagem e compreendei, a partir de agora, que nós navegamos até esta terra para levar a bom termo uma dupla tarefa: uma, segundo a palavra do Mestre, a outra, segundo a palavra dos nossos grandes Irmãos de Heliópolis. A primeira delas consiste, vós o sabeis, em fazer germinar sobre os enormes campos que nos aguardam os grandes princípios de que fomos alimentados até aqui. Podeis dizer que se trata de um trabalho de lavrador e não de ceifeiro. A segunda diz respeito a uma outra elaboração, também muito lenta, mas de natureza diferente. Chama-se dinamização e é dirigida ao corpo desta Terra de Kal... dinamização do seu corpo de carne, pois, não duvideis, vós todos que me ouvís, esta região é igual a um ser, com suas vísceras e seu coração. A partir de hoje, ela se prepara para brilhar de forma diferente, porque este objeto não é mais um objeto, esta sombra do Sol que levo todos os dias às minhas costas tem por função deixar uma longa trilha sobre os caminhos deste país; não sobre os caminhos que nossos pés palmilharão, mas sobre os verdadeiros caminhos de seu corpo, aqueles caminhos onde ondula o fogo de uma certa serpente. Por que isso? Para que, no correr dos tempos, os homens possam lembrar-se e alimentar-se continuamente de um mel que os ajudará a retirar as crostas da terra.

Assim, as marcas que tentaremos deixar nestas terras devem servir também de alicerce para uma força concreta, por meio da qual os homens verão seu caminho iluminado.

O reino que o Mestre despertou em nosso peito ainda está fora do alcance da nossa visão, mas tende certeza de que este outro reino que nossos pés percorrem dia após dia, se lhe compreendermos o sentido, não é oposto ao outro. Cabe a nós fazer a ponte para o que ele está destinado a ser.

Não posso falar mais sobre isso claramente, meus amigos. Não sinto que tenha esse direito. Vossa vida é igual a um mosaico; tivestes a sorte de descobrir a peça principal, deixai agora ao vosso amor e aos seixos dos caminhos a tarefa de reunir os outros elementos.

Após essas palavras, José por um momento tentara sentar-se de novo. Uma nova luz, entretanto, começou a iluminar-lhe o olhar quando sua voz tornou-se mais doce, mais quente. Ele, então, acrescentou:

— Não vos esqueçais que a força de Kristos não rejeitou a matéria, não vos esqueçais que ela quis pedir um corpo emprestado para exprimir-se.

Se nos deslocarmos, seguindo as veias do país de Kal, saberemos então prolongar os braços desse corpo.

Diante das palavras de José, ficamos mudos por muito tempo; elas nos remetiam a vários anos atrás, às portas de Genezaré, enquanto recebíamos conselhos do Mestre em pessoa:

“Quando os reinos aqui de baixo refletirem a imagem do Reino de Meu Pai, os homens saberão que alguma coisa em seu coração está madura. Meu corpo é como Minha alma e Minha alma permanece semelhante a Meu espírito. Se um detestasse o outro, como poderia Eu viver? Assim, vos afirmo, que vossa mão direita não ignore vossa mão esquerda e que o sopro que anima vosso peito aprenda a abençoar a planta empoeirada de vossos pés. Não existe uma só pedra cujo objetivo último não seja arrojar-se na direção de Meu Pai...”

Fui afastada de minhas recordações pelo roçar de tecidos. Simão e os outros tinham-se levantado. No outro lado do bra-seiro, mesclando-se à dança crepitante das chamas, a silhueta de José tinha esboçado leves gestos comedidos, como para convidar-nos a nos aproximar dele. Quando nos reagrupamos ao seu lado, ele baixara sobre o rosto, conforme o costume de nosso povo, o largo véu de linho branco que lhe recobria o

topo do crânio. Era sinal de que o que iria confiar-nos tomava a aparência do sagrado ou fazia parte de um segredo a ser preservado. Só Míriam de Magdala tinha ficado afastada do nosso grupo. No entanto, tinha-se levantado, mas sua única preocupação parecia ser atizar o fogo, jogando nele, com determinação, alguns galhos bem grossos.

— É hora de saberdes — disse José, com voz neutra.
— Não há mais motivos para esconder de vós o que por várias razões foi preciso manter em segredo. Esta que estais vendo aqui, e que se chama Míriam, da aldeia de Migdal, é minha filha segundo o espírito, mas também segundo a carne. Tenho sempre medo de que minha tarefa um dia me exponha à represália do poder romano e que meus filhos sejam os primeiros a ser perturbados. Raros são os que até esta noite partilharam comigo este segredo, mais raros ainda os que tiveram a obrigação de ser depositários dele. Tomei essa iniciativa com o Mestre, há muito tempo, de maneira que tudo se cumprisse. Se eu vos confio isto, é porque a tarefa de Míriam não é menos pesada do que a minha e porque tereis de animar seu avanço com pleno conhecimento de causa.

Mesmo devendo confiar, um murmúrio crescente levantou-se entre nosso pequeno grupo. Apenas três ou quatro de nós, entre eles o velho Zaqueu, como se já estivessem informados de tudo, mostraram no rosto só as rugas de um leve sorriso. Autodomínio ou simples cumplicidade... pouco nos importava, ocupados como estávamos em perguntar-nos se havíamos compreendido bem. Passou-se um momento, depois algumas risadas explodiram, às quais finalmente todos se juntaram. Tínhamos a sensação de que uma sementinha de felicidade, totalmente nova, de repente circulava entre nós. Míriam, sempre de pé junto ao fogo, pôs-se também a rir, feliz como uma garota que acabasse de pregar uma peça.

— Mas, José, José — gritou Simão que, segurando minha

mão, tentava abafar o ruído causado pelas nossas brincadeiras —, não falaste em teus filhos? Então, há entre nós alguém mais de quem és pai?

— Não, Simão... não entre nós, mas tenho também um filho e vós todos o conheceis.

Novamente o olhar de todos voltou-se para José e, numa fração de segundo, como se o riso desse lugar à gravidade, como se cada um compreendesse que suas palavras pudessem ter conseqüências sérias, todos prestaram atenção.

— Trata-se de Eliazar, meus amigos.

Desta vez, nenhuma manifestação ruidosa brotou em nosso pequeno grupo. A consciência de uma trama cuidadosamente planejada por seres de cuja existência mal suspeitávamos voltou à superfície de nossa alma, tal como alguns anos antes.

Eliazar..., pensei... por isso interpretáramos mal certas atitudes dele com relação a Míriam quando nos hospedamos na casa de Marta, em Betânia! Eliazar, a quem o Mestre logo quis chamar de João.

Ninguém se atreveu a perguntar mais nada. Não que não tivéssemos mil perguntas a fazer, nossos olhos traduziam isso muito bem, mas porque a emoção tomara conta de nós. Era um sentimento intimamente fundido entre o respeito e a admiração com relação a José. Quantas coisas não guardaria fechadas no fundo de si e que podiam modificar o curso de nosso destino, abrir-nos algumas portas ou aferrolhar outras? É certo que não tínhamos compreendido grande coisa sobre o motivo de sua revelação e suas futuras implicações. Confusamente, tínhamos simplesmente pressentido.

O vento do mar, carregado de névoa, levantou-se progressivamente. Pôs-se a brincar com as ervas altas e os juncos, sussurrando-nos de tempos em tempos o canto irregular de um pássaro noturno.

— Se esta noite é a última que devemos viver reunidos, fala-

nos mais, José — disse por fim o velho Zaqueu —, ensina-nos...

Enquanto pronunciava essas palavras, as rugas do seu rosto, esculpidas durante muito tempo pelos sopros do deserto, encheram-se extraordinariamente de vida. Quando as revejo hoje em minha alma, parece-me que elas, por si só, conseguiam traduzir todas as nossas sedes, nossos medos, nossa vontade.

— São os homens de Kal que vos ensinarão a partir de amanhã — respondeu José. — Não penseis que eles nunca beberam da fonte que flui em vosso espírito. O Sol só aquece nossas montanhas da Judéia? Existe uma sabedoria gravada desde tempos imemoriais até sobre o menor dos terrenos desta região, uma sabedoria cujo estudo nem o próprio Mestre desprezou. Quando era jovem ainda e antes de partir para os reinos do Oriente, Ele me pediu que O ajudasse a descobrir os horizontes que a partir de amanhã serão vossos. Conservai sempre presente em vós esta verdade: sois os eternos discípulos do Uno. Sois alunos Dele por toda a eternidade!

— Mas o Mestre não disse inúmeras vezes que todos os homens da Terra eram destinados a tornar-se semelhantes a Ele, agir como Ele? — gritou um de nós.

— Irmão, irmão, aprende a escutar... Quantas vezes o próprio Mestre nos disse também que seria para sempre eterno discípulo de Seu Pai, infatigável peregrino da Grande Consciência? Nenhuma forma de vida sob este Sol pára um dia seu crescimento. Toda manifestação de vida, quero dizer com isso toda germinação de amor, consciente dela ou não, desempenha a dupla função de um vaso que recebe e de um copo que mata a sede. Meus irmãos e irmãs a quem falo, nada foge à regra; se somos os iniciados de uns, continuaremos a ser, sem cessar, discípulos de outros.

Quem será vosso mestre de hoje em diante? Não tanto o Mestre, ao lado de quem todos caminhamos e cujas refeições partilhamos, quanto o pássaro que capturareis amanhã, talvez,